

A FÚRIA DO VENTO¹

A FÚRIA DO VENTO

José Augusto Carvalho*
In memoriam

Entre os romancistas capixabas, apenas Virgínia Tamanini e Neida Lúcia Moraes, pelo que sei, tiveram suas obras traduzidas e publicadas no exterior. Aquela, com romance *Karina*, editado em italiano com esse mesmo nome, que conta a história de um desencontro, tendo como pano de fundo a imigração italiana no Espírito Santo; esta, com o romance *O mofo no pão*, editado em romeno com o título *Mucegaiul de pe paine*, que narra a história de uma vítima da Inquisição, condenada à morte por combater as injustiças sociais e a intolerância religiosa.

Neste romance, Neida aproveita algumas técnicas usadas em romances anteriores, mistura a realidade com a ficção, envolvendo o leitor numa atmosfera de ambiguidade, como no romance *Simbiose*, de 1987; alterna, algumas vezes, o foco narrativo, como no romance *Sete é número ímpar*, de 1971, de que, aliás, *A fúria do vento* é uma espécie de reescrita. *Sete é número ímpar* mereceu elogios superlativos de Austregésilo de Athayde, quando presidente da Academia Brasileira de Letras, na sua coluna “Vana verba”, da saudosa revista *O Cruzeiro*,

¹ CARVALHO, José Augusto. *A fúria do vento* [Orelha]. In: MORAES, Neida Lúcia. *A fúria do vento*. São Paulo: Lerlisa; D'Livros, 2018.

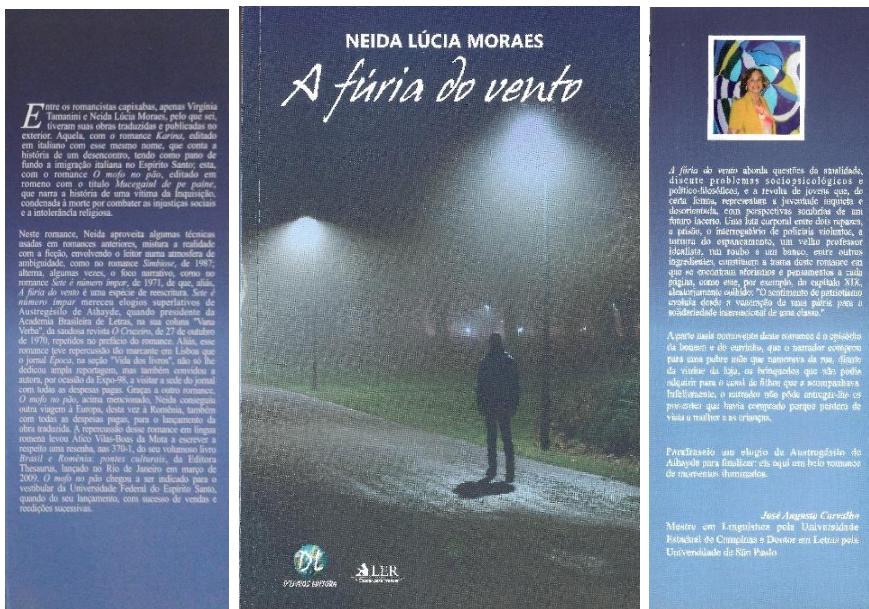
* Escritor e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

de 27 de outubro de 1970, repetidos no prefácio do romance. Aliás, esse romance teve repercussão tão marcante em Lisboa que o jornal *Época*, na seção “Vida dos livros”, não só lhe dedicou ampla reportagem, mas também convidou a autora, por ocasião da Expo-98, a visitar a sede do jornal com todas as despesas pagas. Graças a outro romance, *O mofo no pão*, acima mencionado, Neida conseguiu outra viagem à Europa, desta vez a Romênia, também com todas as despesas pagas, para o lançamento da obra traduzida. A repercussão desse romance em língua romena levou Átilo Vilas-Boas da Mota a escrever a respeito uma resenha, nas 370-1, do seu volumoso livro *Brasil e Romênia: pontes culturais*, da editora Thesaurus, lançado no Rio de Janeiro em março de 2009. *O mofo no pão* chegou a ser indicado para o vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo, quando do seu lançamento, com sucesso de vendas e reedições sucessivas.

A fúria do vento aborda questões da atualidade, discute problemas sociopsicológicos e político-filosóficos, e a revolta de jovens que, de certa forma, representam a juventude inquieta e desorientada, com perspectivas sombrias de um futuro incerto. Uma luta corporal entre dois rapazes, a prisão, o interrogatório de policiais violentos, a tortura do espancamento, um velho professor idealista, um roubo a um banco, entre outros ingredientes, constituem a trama deste romance em que se encontram aforismos e pensamentos a cada página, como este, por exemplo, do capítulo XIX, aleatoriamente colhido: “O sentimento de patriotismo evoluiu desde a veneração de uma pátria para a solidariedade internacional de uma classe”.

A parte mais comovente deste romance é o episódio da boneca e do carrinho, que o narrador comprou para uma pobre mãe que namorava da rua, diante da vitrine da loja, os brinquedos que não podia adquirir para o casal de filhos que a acompanhava. Infelizmente, o narrador não pode entregar-lhe os presentes que havia comprado porque perdeu de vista a mulher e as crianças.

Parafraseio um elogio de Austregésilo de Athayde para finalizar: eis aqui um belo romance de momentos iluminados.



Capa de *A fúria do vento*, de Neida Lúcia Moraes,
e a orelha de José Augusto Carvalho sobre o romance.

A fúria do vento é uma novela quebra de rotina, discute problemas sociopsicobiológicos e político-históricos, e a revolta de jovens que, de certa forma, reverenciam a juventude impetuosa e desobediente, mas que, ao mesmo tempo, temem o futuro lacerto. Una luta corporal entre dois rivais, a prisão, o interrogatório de polícia violento, a morte do expancionista e velho pretenso idealista, o encontro com a bandidagem, os ingredientes constituem a base desse romance em que se encontram situações e personagens a cada página. A narrativa é fluida, com ritmo acelerado, narrativa solidificada. O sentimento de pertinência evoluído desde a vontade da maioria para a sonoridade intranscendente de gênero clássico.

A partir assim reconstruindo desse romance é o episódio da beira e do sumiço, que o narrador consegue para uma pálida milie que permanecia da rua, diajto da veste da loja, os brinquedos que são posses sólidas para o casal do bairro que a acompanhava. Infelizmente, a menina não pode anotar o nome do personagem que havia comprado porque perdeu o visto a matrizes e os orangas.

Protagonizado um elogio de Austregésilo de Athayde para finalizar: eis aqui um belo romance de momentos iluminados.

José Augusto Carvalho
Mestre em Linguística pela Universidade
Estadual de Campinas e Doutor em Letras pela
Universidade de São Paulo